



ALMA-NOVA

V SÉRIE—JUNHO DE 1927—N.º 1

■ PREÇO 2 ESCUDOS ■

CAPA: Dr. Fidelino de Figueiredo, ilustre escritor e Director da Biblioteca Nacional, a quem foi recentemente promovida uma significativa homenagem e que a Universidade de Washington acaba de convidar para uma série de conferências

RESSURGIMENTO EDITORIA

(Soc. Anon. Coop. de Responsabilidade Limitada)
• EM ORGANIZAÇÃO •

TODO O ESCRITOR E TODO O PATRIOTA
PODEM TER AQUI A SUA ASSOCIAÇÃO
CAPITAL EM ACCÓS DE 20 ESC. INTEGRALMENTE GARANTIDO



RESSURGIMENTO É A EDITORIA DA REVISTA ALMA NOVA

e de todas as obras dos seus associados
que interessem ao levantamento
da cultura Portuguesa



VOLUMES PUBLICADOS E NO PRELO

Coleção da Grande Guerra

ten. Mateus Moreno :

SANGUE D'EPOPEIA — A Artilharia Portuguesa na Flandres. Vol. de 160 pag. Il., 3500. (Autorizada a aquisição em O. E. n.º 3 (1.ª Série) de 1923.
DA GUERRA E DA PAZ (Sinfonia Macabra). 3.ª ed. Il. — 44 pag. 2500.

Cap. José Brandão :

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA DA GRANDE GUERRA (Notas subsidiárias para uma). Vol. brochado 500.

Poesia

Mateus Moreno :

MINHA PÁTRIA (Poema em 3 livros e 3 jornadas). Ed. II, 96 pag. broch. 3000.

Luis Calado Munes :

ODES DE ANACREONTE. Vol. broch. 2500.

Rebelo de Bettencourt :

CANTIGAS, (com retrato do A.). 64 pag. 2500.

Pethion de Villar :

OS ARGONAUTAS DO AZUL, e A Cruz e a Espada. (No prélo).

Estudos e Crónicas

Oldemiro Cesar e Cruz Magalhães :

CAMPANHAS CAMILIANAS. 1. vol. II, 5000.

D. Conceição d'Eça de Melo :

EÇA DE QUEIROZ REVELADO. Vol II, 2500.

José Dias Sancho :

ESPAÑA MARAVILHOSA (a entrar no prélo).

Mateus Moreno :

A NOVA GUERRA E A ARTILHARIA (no prélo).

Romances e Novelas

Eunice Franco :

O LOUCO AMOR, trad. (no prélo).

Arte

J. Savedra Machado :

O DESENHO E A MULHER NO LABOR ARTÍSTICO DE RAFAEL BORDALO (ed. de luxo, em fascículos).

Pedidos acompanhados da importância à

Calçada de João do Rio, 8 - 1.º — LISBOA

Os assinantes da «ALMA NOVA» tem 20% de desconto

Assinaturas da «Alma Nova».—Candidaturas (pagamento adiantado): Portugal e Ilhas: Ano (12 num.), 2000; semestre, (6 num.), 1000; trim. (3 num.), 600. Colônias e Espanha: Ano, 2300; semestre, 1200; Estrangeiro: Ano, 2600; semestre, 1300.

■ N U M E R O A V U L S O 2 5 0 0 ■

A «Alma Nova» sai a 15 de cada mês

Toda a correspondência para a redacção: CALÇADA JOÃO DO RIO, 8. 1.º, LISBOA

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

FUNDADOR E GERENTE: MATEUS MORENO

Direcção: Dr. Emílio Salgueiro e Mateus Moreno. Redactores-secretários: Dr. Ascenção Mendonça, Dr. M. Gomes dos Santos e Rebelo de Bettencourt. Propriedade e edição da Empresa Cooperativa Editora «RESSURGIMENTO», Redacção e Administração: C. de João do Rio, 8, 1.º, Lisboa. Tip. Portugalia, Ld. R. da Rosa, 16.

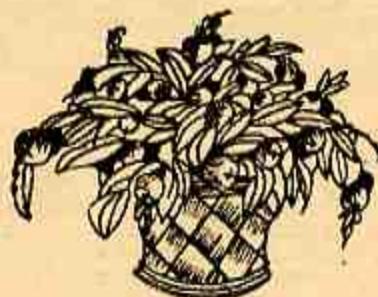
"MISS" PORTUGAL



A Sr.ª D. Margarida Brásio Ferreira, primeira votada para representar Portugal no Concurso Internacional de Beleza de Galveston

O sceptro da Rainha Mundial da Beleza foi conquistado por «Miss Estados Unidos»

ALMA NOVA



Ao iniciarmos a presente série da *Alma Nova*, torna-se mister fixar alguns pontos capitais do seu programa, — aliás os que a mesma revista sempre tem seguido desde a sua fundação, em 1914.

São eles :

- 1.º — *Conhecimento e propaganda de todos os valores pátios que interessem à obra do ressurgimento nacional.*
- 2.º — *Estudo dos principais problemas do ressurgimento português: económico, literário, artístico, social e político.*
- 3.º — *Propaganda, em todo o país, colónias e no estrangeiro dos nossos valores, belezas e possibilidades, tanto metropolitanas como coloniais.*
- 4.º — *Formação dum forte núcleo de dedicações patrióticas, constituído sobretudo de Novos, completamente isentos de quaisquer facciosismos ou simpatias partidárias.*

Sendo a política, não só o foco de todas as atenções, no actual momento, mas o fulcro, mesmo, da máquina governativa, óbvio se torna declarar que a ela não nos poderemos manter alheios. Será assim também política a nova fase da revista. Mas se ao lado dos governos da Ditadura se encontrará sempre, para aclamar a honestidade e o acerto das suas medidas de renovação, ao lado de todos os valores políticos, onde quere que êles estejam, e ao lado das próprias agremiações partidárias não deixará de estar sempre também, para defender a possível isenção dos seus actos e o patriotismo das suas intenções.

Porque é do concurso, não devemos ignorá-lo, de todos os valores nacionais, e de todas as dedicações honestas, inevitavelmente políticas, que se ha-de conseguir o milagre do ressurgimento da Nação.

Havíamos anunciado a saída da «Alma Nova» apenas em fascículos trimestrais, pela impossibilidade de manter-lhe uma publicação regular mais frequente, em virtude da crise geral que o país atravessa. Palavras de confiança no nosso esforço honesto e incitamentos materiais até, vindos da colónia portuguesa do Brasil e de vários pontos do país, conseguiram emprestar-nos novas energias para não hesitarmos em garantir a sua saída mensal. Do patriotismo das classes do pensamento, a quem acima de tudo a revista interessa, depende, porém, a eficácia das suas doutrinas e a sua própria manutenção. Nelas confiamos, certos de que reconhecerão, não só a utilidade, mas ainda a oportunidade do nosso esforço patriótico.

NOVOS E VELHOS

Por FIDELINO DE FIGUEIREDO

QUANDO a terra está cansada, o lavrador faz o que entre nós se chama alqueivar, isto é, inverter as camadas do solo e deixá-lo algum tempo em pouso. É isto que a sociedade portuguesa precisa e é isto o que tentam algumas pessoas de bom critério sobre a política lusitana.

Numa luta entre o solo esterilizado e o sub-solo rico e fecundo, mas soterrado na impotência, se poderia simbolizar a política portuguesa contemporânea. As gerações moças, formadas na desilusão da democracia e seus «imortais princípios» bem mortíferos, assistindo às consequências imoralíssimas do individualismo, que é o suicídio das sociedades, pensam que a vida tem de ser norteada pelo dever, que a família na sua fórmula cristã é o núcleo vital da sociedade, a sua continuidade, a sua força, e que os desmandos possíveis do nacionalismo e do patriotismo se corrigem com a sanção extra-terrena do pensamento de Deus — norte supremo das consciências.

Imersas nas ruínas, que sobre elas fizeram desabar as precedentes revoadas de oradores e agitadores, que proclamaram rei o instinto, essas gerações novas não se cansam de gritar aos céus o seu alto sonho de reconstrução dumha pátria, oito vezes secular e mil vezes gloriosa, que os seus corações crêem imortal, não pela força deductiva dos argumentos, como afirmava Fr. Bernardo de Brito, mas pelo impulso dum sentimento invencível — a vontade de viver.

Este alto pensamento, que tem alguns verbos bem eloquentes e bem fiéis, ainda não achou a pleia de vontades firmes que o sirvam. A velhice gasta o espírito de seita, o cálculo partidário e o medo estão ainda muito infiltrados no reducto dessa idéia pura.

Os velhos do Restelo, a magnífica perligruração da rasteira e medrosa prudência que Camões opôs aos vôos do heroísmo, os Sanchos Panças envenenam ou impedem ainda os surtos mais belos do quixotismo. Não se querer ver que aos excessos mortíferos há que opôr excessos salutares, mais fortes para que não haja sequer equilíbrio de forças, para que se vença definitivamente. Há que vencer a mais desordenada e perigosa indisciplina, com a mais rigorosa disciplina, há que transformar o país numa caserna, a caserna do dever, onde todos marchemos submissos, silenciosos, de olhos postos no altar da pátria, idéias muito claras sobre o rumo a seguir, consciência limpa e inabalável firmeza moral. Vale mais o carácter que o saber — principalmente na actuação política. Uma deficiência de preparação técnica facilmente a remedia um chefe com recorrer a bons colaboradores; uma vacilação, uma transiçā, uma cobardia pode ser o princípio do fim, o pórtico que conduz a todos os desastres e misérias.

Os novos de Portugal sabem muito bem o que querem, mas não podem, na limitada esfera de acção que lhes cabe, passar a obras o seu pensamento. No sub-solo da dictadura portuguesa há uma perfeita uniformidade mental, há uma puríssima isenção, que lançou para o canto das coisas inúteis as bandeiras dos partidos, mas não é essa mentalidade nova que governa...

E' um momento crucial este na história portuguesa. Ou vence a autoridade, a ordem, a tradição (que não quer dizer de modo nenhum regresso, nem de reg'men nem de pro-

cessos), a moralidade administrativa, a justiça, e se põem em relevo de primeiro plano os verdadeiros valores, ou a vaga demolidora a todos subverterá.

Mas esta hipótese não pode pôr-se sequer. A firmeza e a união do exército estão bem patentes, principalmente porque os novos, se não servem para governar, servem sempre e muito bem para se bater. Na hora do perigo, não há hierarquia de galões ou de idades: a primeira linha e a iniciativa cabem ao novos.

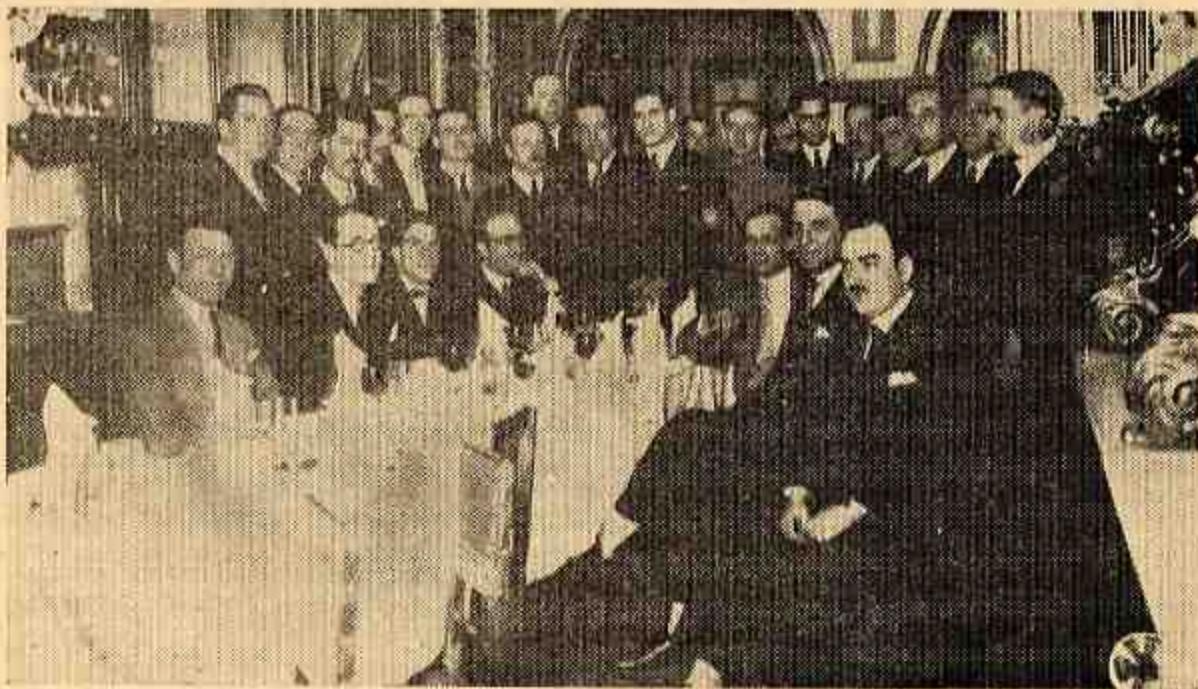
Porém, o empreendimento, em que o exército se envolveu, não é uma tarefa militar, é uma tarefa política; precisa para a executar de homens, com espírito militar na firmeza, na disciplina e no sacrifício, mas com espírito político, largueza de vistas, com uma clara compreensão das realidades. Estes ainda não apareceram ou não lograram vencer o enredado dos sofismas e a confusão do ambiente para chegar ao seu posto. Precisamos de homens de grande carácter executivo, que pela ação, não pela palavra, galvanizem o espírito público, satisfaçam a fome desesperada de pão e de justiça, que alanceia o povo. Paralelamente, precisamos uma obra de política para desmontar a organização das clientelas partidárias, não pela guerra acintosa, mas por lhes retirar função, com a organização da nação sobre bases anti-parlamentares, e uma obra de fomento, que alague e conforte de bem-estar o povo sofredor. A miséria é má conselheira: é ela que cria o Estado-providência, o Estado-asilo, e para entrar no asilo, expulsando os que lá estão, e que se fazem as revoluções.

Uma luta fraticida pelos selos do Estado, pela colaboração no *Didrio do Governo* — eis o que é a política de há muitos anos em Portugal. Povos sem fome são povos ordeiros. E é isso, é pão e justiça, que os novos de Portugal querem distribuir numa grande dissipaçāo, previamente resolvido o problema da ordem sobre as bases inabaláveis da firmeza moral e duma mentalidade declaradamente contra-revolucionária.

FIDELINO DE FIGUEIREDO



A ORGANIZAÇÃO DOS NOVOS



Um aspecto do almoço de confraternização dos antigos delegados à Federação Académica de Lisboa que em 9 do mês findo se realizou na Ferrari

PELAS COLÓNIAS

Visconde de Almeida Garrett

A formação, tão necessária, dum «espirito colonial» português, tem no culto professor e devotado colonialista a quem dedicamos hoje esta secção da «Alma Nova», um dos mais esforçados e carinhosos propugnadores. A sua recente conferência na Sociedade de Geoografia — «Como se faz uma nação colonial» —, justifica bem semelhante asserto.

Saudando, por isso, S. Ex.^a, a «Alma Nova», cuja finalidade é também cooperar no engrandecimento dos nossos domínios coloniais e no bom nome da nação sólo o ponto de vista colonizador, não pode deixar de considerar-se a seu lado para o desenvolvimento, em todo o país, de tão urgente campanha.



O sr. Visconde de Almeida Garrett, distinto professor da Escola Colonial



O sr. tenente-coronel Ferreira da Silva
Ilustre chefe de gabinete de S. Ex.^a o Ministro
da Guerra

PELO EXÉRCITO

O Exército é hoje uma força moral e material, que a obra do ressurgimento do país não pode dispensar.

E' nele que residem todas as esperanças de quantos deram alma e possibilidades de triunfo ao movimento de 28 de maio. E' necessário, porém, que o Exército se saiba manter à altura das responsabilidades que assumiu.

Dentre os seus valores mais prestigiosos, é-nos grato poder hoje citar o sr. tenente-coronel José Jorge Ferreira da Silva, militar culto e disciplinador, espírito consciente e recto, figura de acção e de nobreza de alma.

O sr. tenente-coronel Ferreira da Silva, que é o chefe de gabinete do ilustre Ministro da Guerra, sr. tenente-coronel Passos e Sousa, quiz ter a gentileza de dar a sua valiosíssima colaboração ao novo livro do nosso director-gerente, sr. Mateus Moreno, livro que brevemente sairá sob o título «A Nova Guerra e a Artilharia».

(AUTÓGRAFOS)

UM GRANDE POETA DO BRASIL

Pethion de Villar, pseudônimo do dr. Egas Moniz Barreto de Aragão, que foi um notável médico e professor brasileiro, mais amigo de Portugal que muitos portugueses, é hoje considerado o príncipe dos Poetas baianos. Da justiça de tal asserto brevemente o leitor poderá ter a confirmação, pela leitura das suas *Poemas Escolhidos*, que estão sendo impressas entre nós, sob a direção da Empresa Ressurgimento.

Damos a seguir um curioso autógrafo do eminentíssimo Poeta:

O mar está com fome!

*Um ouro velho mestre a amarig
E. Pethion de Villar.*

Ondas amanheceram de novo horror,
Estranhos amares rebuçando;
Robando os prazeres, cheio de rumor,
Come de hujes em raves bando.

As solanças frangindo negro...
Nuvens lhe vêm a dor escancarado;
Ainda esta noite um colossal tambor
Abalo nos trovões barbões profundo

Saiu não pôde o sol... a tempestade
Caiu... prendeu num carcere de tempestade...
Pondo morte cura a terra amarela!

Sóis das ondas uma vez um nome,
Abre-as a quella brasa das espermas...
Homem, fugi! O mar está com fome!

Pethion de Villar

- Rio Vermelho -
26 de Outubro de 1893.





«Miss» Portugal, à sua partida para Galveston

FIGURAS
E
FACTOS



DR. JOÃO DA SILVA CORREIA

Distinto professor e filólogo erudito, autor do curiosíssimo trabalho «A Linguagem da mulher em relação à do homem», recentemente publicado, é um dos nossos mais dedicados colaboradores e amigos. O dr. Silva Correia acaba de ser nomeado membro da Sociedade Linguística de Paris.



CRUZ AZEVEDO

Diretor da revista «O Nosso Algarve», e esforçado propagador da iniciativa de um monumento ao autor do «Campo de Flores», em São Bartolomeu de Messines.

A cerimónia do lançamento da primeira pedra desse monumento, que devia efectuar-se em 11 do mês findo, foi adiada para quando o sr. Ministro da Instrução possa ir ao Algarve.



DR. JOSÉ GUERREIRO MURTA

Estimado Reitor do Liceu de Beja e apreciado pedagogo, cujo novo livro «Como se aprende a estudar», da sua coleção «Estudar e saber», tem obtido um excelente êxito de livraria.

Ao dr. Guerreiro Murta, velho amigo e colaborador da «Alma Nova», apresenta esta revista as suas saudações.

VER NO PRÓXIMO N.
OS NOSSOS
ANÚNCIOS ARTÍSTICOS

SE É PATRIOTA
LEIA A
“ALMA NOVA”

NO MUNDO DA ARTE

LIVROS: As Artes e as letras portuguesas, como a própria vida das classes, atravessam, presentemente, um dos períodos mais agudos da sua crise. Faz por isso necessário uma perseverança e uma fé muito especiais de todos, para conseguirmos vencer.

Em consequência dessa crise, a produção literária e artística é fraca, e teatro também quase não existe.

Dentre os livros ultimamente recebidos, sobressaem pelo seu real valor didático e feição nacionalista, os dos professores dr. José Guerreiro Murta e dr. Silva Correia, e o do sr. João Rosa, aos quais neutros lugares aludimos. Também nos merecem especial referência, pela sua feição artístico-literária, os volumes de D. Aurora Jardim, *Farrapos da Vida Viva*, que já vai na 2.^a edição; 13 *Contarelos*, que Irene escreveu para a gente moça e Ilda ilustrou; *Os Seis Demônios*, que são outros tantos contos, deliciosos e emotivamente trabalhados pelo culto espírito de *elite* dumha das nossas melhores escritoras, a sr.^a D. Maria Magdalena Martel Patrício, e *O Ditador*, de António de Céltima, apertuno livro de clara visão mental e política, escrito por um «novo» de coragem e de segura reflexão sobre os principais problemas das ideias do seu tempo.

Do livro do sr. João Rosa, *Iconografia Artística Eborense*, escreveu no Prefácio o sr. dr. Manuel de Sousa Pinto, estas leais e justas palavras:

«Com mérito desinteresse, talvez com sacrifício, o compilador desta obra fez, pela sua Eborá querida o que ninguém, cá, ensaiara para outra cidade ou região: algumas bem merecedoras de que tão notável exemplo suscite emulação.

Não se trata de mais um guia ou roteiro da capital e do distrito eborense. Não é um livrocicerone, para trazer debaixo do braço; sim, um livro-museu — apreciável livro de estante — destinado a arquivar, com leve comentário, a colecção seriada e, quanto possível, exaustiva de todas as obras de arte, ilustrações, ou simples apontamentos em que os artistas e os documen-

tadores, antigos ou modernos, têm fixado, interpretado, salientado belezas, aspectos, tipos, panoramas, monumentos, pormenores, raridades, da atraente cidade de Diana e de Geraldo, do Manuelinho e das Armas do Cardeal.

Compensará o público desorientado de hoje em dia tam grande esforço editorial de um honesto trabalhador? O arrojo é, pelo menos, digno do amparo das várias edilidades favorecidas com esta propaganda de bom gosto.

EXPOSIÇÕES:

A 24.^a Exposição da S. N. de Belas Artes, recentemente encerrada, apresentou-nos: Pintura a óleo, 151 trabalhos; Aguarela, 75; desenho, pastel e gravura, 46; e Escultura, 15.

De ano para ano o Salão da rua Barata Salgueiro parece, porém, decair. Há um certo desamor pelas coisas de arte que desmoraliza os artistas. A exposição do corrente ano resente-se dele.

O juri para a classificação dos quadros, conferiu:

Pintura a óleo: 1.^a medalha, Fernando dos Santos; 2.^a, Acacio Lino (do Porto); 3.^a, D. Maria de Lourdes de Melo e Castro, D. Alda Machado dos Santos, Eduardo Gil Romero e José Augusto de Sousa; menção honrosa, Julio Torres.

Aguarela: 2.^a medalha, Tertuliano de Lacerda Marques e Emilio de Paula Campos.

Desenho: 2.^a medalha, Luis Varela Aldemira, Pedro Guedes e Pedro Jorge Pinto; 3.^a medalha, João Saavedra Machado; menção honrosa, D. Dulce Caupper de Sousa.

Escultura: 3.^a medalha, D. Aninhas de Gonta Colaco, João José Gomes, Raul Xavier e Sousa Caldas (do Porto).

— Falcão Trigoso, o glorioso pintor das marinhas e paisagens algarvias, obteve com a sua última exposição no Porto, um explêndido triunfo.

— Também realizou com muito éxito a sua exposição em Lisboa, na Associação dos Arqueólogos, o mestre aguarelista sr. Alberto de Sousa.

— No Salão do Teatro Nacional, está igualmente colhendo, com as suas discípulas, os melhores aplausos dos apreciadores de Arte e da crítica, a talentosa pintora D. Eduarda Lapa. — M. M.



JOÃO ROSA.

distinto funcionário da imprensa Nacional, e um acentuado culto e dedicadíssimo pelas suas províncias. A sua *Iconografia Artística Eborense*, recentemente publicada, constitui um verdadeiro êxito, tanto gráfico como literário.

GALERIA PATRIÓTICA



GENERAL GARCIA ROSADO,
figura do Exército das mais presti-
giosas, patriota sincero e culto
espírito de diplomata, que repre-
senta o governo da Ditadura junto
da corte inglesa. (Fot. Vasques)



DR. FIDELINO DE FIGUEIREDO

O Escritor e o Patriota

Um almoço em sua
■ Homenagem ■

FIDELINO DE FIGUEIREDO é um dos reais valores do Portugal de hoje, a quem a obra do ressurgimento nacional já muito deve e muito mais tem a exigir ainda.

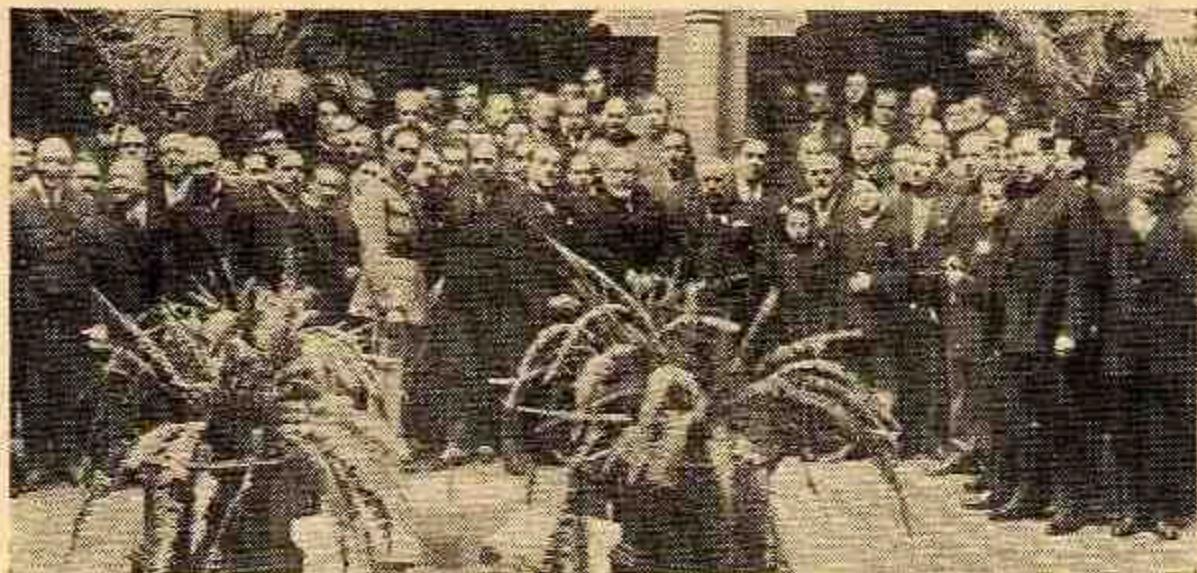
Como escritor e homem público, apesar de bastante novo, de há muito o seu nome atravessou a fronteira; e a sua obra de historiador literário, crítico e romancista, hemos de juntar a sua obra inegável de patriota. Porque um alto fio patriótico tem norteado sempre, tanto os seus actos políticos como todo o seu labor mental.

Nomeado recentemente Director da Biblioteca Nacional pelo governo da Ditadura, lugar em que já provava competência em 1918, uma determinação talvez mal interpretada pelo pessoal das oficinas gráficas daquele estabelecimento, origi-

nou o lamentável atentado de que toda a imprensa se fez eco. Dentro do seu gabinete, no exercício das suas funções, o Director da Biblioteca Nacional fez o que não podia deixar de fazer, sem grave risco do seu prestígio pessoal e da própria disciplina que todo o chefe tem a obrigar de manter.

Não consideramos a sociedade portuguesa tão proxima do seu fim, que possa admitir sem repulsa as faltas de respeito hierárquico.

Agredido, mal-ferido, vítima certamente dum exaltação momentânea, Fidelino de Figueiredo, pôde, todavia, voltar ainda ao convívio dos seus amigos e admiradores; e, sem qualquer sentido de desagravo odioso, que em espíritos cultos nunca deve existir, nem mesmo qualquer intenção política reservada ou propósito coercivo sobre o governo, resolveram esses amigos reunir-se em um banquete de homenagem, onde expressassem, não só a sua simpatia pelo escri-



Um aspecto da assistência ao almoço de homenagem ao dr. Fidelino de Figueiredo

tor, mas se congratulassem ao mesmo tempo, por ter saído, se não ileso, pelo menos livre de tão desagradável incidente.

Em hora acertada se lançou a ideia. Esse banquete, que estava para realizar-se no restaurante da «Garrett», pelo avultado número de inscrições teve que a breve trecho ser transferido para os amplos salões do «Monumental-Club». A él se associou a *filete* do pensamento português, tendo sido convidado a presidi-lo o sr. Ministro da Instrução, Dr. Alfredo de Magalhães, grande admirador e amigo pessoal do homenageado.

O ALMOÇO

A's 13 horas, os vastos salões do Monumental-Club ofereceram um festivo aspecto. Todos os inscritos vão chegando; outros pedem licença para se inscreverem ainda. No «fumoir», os *grands* entram continuamente com bandejas coguladas de telegramas e cartas. Os drs. Guerreiro Murta e Martinho Nobre de Melo, da Comissão Promotora, fazem no salão do banquete as honras da casa. Pelas quatro mesas, dispostas em simbólico tridente, 200 lugares esperam outros tantos convivas. No topo, a mesa de honra. A's 13 e meia o sr. ministro da instrução toma a presidência do banquete, sentando-se à sua direita o homenageado, dr. Fidelino de Figueiredo, e os srs. Co-instante Filomeno da Camara, Conselheiro Fernando de Souza e D. Tomaz de Vilhena, e à esquerda os srs. drs. Martinho Nobre de Melo, Cunha Gonçalves, Souza Costa e António Baião. Pelas três restantes mesas os outros convivas. Junto de cada talher, num cartão sóbrio mas elegante, lia-se o seguinte:

«Almoço de Homenagem ao Dr. Fidelino de Figueiredo» — Ménú: *Hors d'oeuvres variés, Filets d'sole Orby, Chaudfroid de soleille à la Billeuse, Tonnerdes à la Rostand, Corbeille Reine Margueritte, Fruits, Vins, Liqueurs, Champagne.*

OS BRINDES

Inicia os brindes, ao *champagne*, o sr. dr. Martinho Nobre de Melo, como presidente da Comissão Promotora da homenagem, que num brilhante discurso afirmou ser aquele banquete o começo do pagamento dum *díodo de honra* que temos contraida para com um eminentemente homem de letras e um merecissimo cidadão (*apoiadado da assistencia*). Não olhem V. Ex.^a a oportunidade, continuou depois de serendia a explosão de apupos, ao momento escolhido. Decerto, a homenagem representa, por igual, um desagravio; mas ninguém da Comissão, ninguém aqui presente podia ter pretendido sandar a homenagear Fidelino de Figueiredo com uma manifestação *ad odiū*, nem ele a aceitaria nesses termos.

— Olho em derredor e quem vejo acorre a festejar Fidelino? Personalidades das mais eminentes, arrancadas no seu da literatura, das Ciências, das artes e das profissões do meu país. E' que era bem preciso, era urgente, dizemos a Fidelino de Figueiredo a nossa admiração pela sua obra formidável, e formidável tanto pelo seu valor intrínseco e varia, como até pela sua extensão.

«Historiador, filósofo, crítico, mestre de literatura e de pedagogia, precisamos de erguer Fidelino ao posto de primeiro plano a que ele tem direito. Eis o alto e grande significado da manifestação de hoje.»

Passa um olhar rápido pelo catálogo editorial das obras de Fidelino de Figueiredo, cujos títulos aninham, e num vibrante repto contínuo:

— Esses que ai vemos cada dia na tuba da fama, de quem ouvimos a cega-rega do nome a todo o momento, podem parecer super-homens, tanto os incensam a opinião e a imprensa, tanto os exaltam os seus partidários. Associações de socorros-mutuos, elogia-se o chefe, ergue-se o chefe, para o interesse comum da clientela!

Mas não são eles, não, que estão escavando os caboucos e argamassando os alicerces da Cidade Nova. Ei-los que descem cada vez mais fundo, para ir buscar e avocar a si os poderes da treva e da revolução. Cada vez descerão mais baixo, cada vez terão de ir mais fundo, porque é mister que seja cada vez mais cerrada e densa a escuridão em que manejam para miser e dominar este pobre país!

Serenadas as palmas, que traduzem o sincero aplauso de todos os assistentes, prossegue:

— Mas há outros homens que eu vejo ir subindo sempre para mais alto, sempre para o alto da montanha, olhos fitos na luz de um ideal! E' deles que fala Maeterlinck. E' a eles que Maeterlinck chama os homens do silêncio, os que no silêncio estão preparando o bem comum, o futuro da Patria. São eles que, discretos e silenciosos, trabalham sem arruído para a maior prosperidade da colectividade; que fabricam a ciência, que protegem o comércio e a indústria, que exornam a cidade com as flores da virtude, da ciência e das ações. Estes é que são os *verdadeiros reis*, para falar como Carlyle, os reis que, para o serem, não precisam de ser eleitos — porque foi a própria natureza que os elegera. São os reis da criação, são os verdadeiros missionários da Deus, da Verdade e da Bondade.

— Fidelino de Figueiredo é um destes grandes homens do silêncio, é um destes verdadeiros reis da criação! Não precisa, para o ser, da *consagração imposta* das urnas, do sufrágio democrático, da mentira da opinião pública organizada.

E caloroso:

— No absoluto desregamento dos costumes morais e políticos, no abastardamento geral dos caracteres e das consciencias, na rampa extrema dos egoismos e das baixezas, é num dos exemplos de labor quotidiano e firme, de escola, de ensino e preparação das almas que haveremos de reconstruir Portugal. Fidelino de Figueiredo é esse vivo exemplo.

E termina:

— Erguendo por ele as nossas taças e erguendo os nossos corações, saudemos em Fidelino de Figueiredo o *Portugal de Amanhã*!

O brinde do ilustre professor da Faculdade de Direito de Lisboa é sublinhado por uma prolongada salva de palmas e muito ovacionado o nome de Fidelino de Figueiredo.

FALA O SR. MINISTRO DA INSTRUÇÃO

Meus senhores: Sinto-me bem no seio desta assembleia a todos os títulos ilustre. Sinto-me satisfeito por presidir a um banquete de homenagem a um amigo, que muito admiro, e que é, pelo seu talento e pelas suas qualidades de carácter, um dos bons valores da nossa terra. Nesta assembleia, como num mosaico social, eu vejo representadas todas as correntes.

— Fidelino de Figueiredo, cujo exemplo de mocidade e de talento deveria ser seguido, foi já meu colaborador, quando, um dia, fui chamado a gerir a pasta da Instrução Pública.

— Foi no tempo de Sidónio Pais. Eu não conhecia pessoalmente a Fidelino. Um amigo comum indicou-me para meu chefe de gabinete. Trabalhámos juntos. E, neste momento queria acentuar aqui que é comovido que lembro o nome de Sidónio Pais.

E com visível emoção:

— Até ao ultimo alento da minha vida o meu coração estaria de luto profundo por Sidónio Pais! (Por toda a sala ecoa uma estrondosa salva de palmas).

— Relanceando os olhos pela sociedade portuguesa, através do seu passado, continuo, eu sinto haver-se quebrado uma mola que não sei qual fosse... E' preciso deitar por terra falsas ideias, errados preconceitos, ignorâncias doutrinas, e todos unidos, unidos todos os portugueses pela Fé, é preciso erguer de novo o edifício da educação nacional. (Vibrantes aplausos da assistência).

— Impõe-se ressurgir Portugal por uma obra de educação nacional. A ciência só não basta. A ciência é um perigo quando não acompanhada da consciência. O

que falta em Portugal é uma consciência nacional — base da educação. E' esta a obra a fazer e, para a levar a efecto, Portugal necessita da participação de todos os seus valores.

E' concluindo:

— Cremos em nós coragem para dominar as nossas paixões; coragem para defendermos Portugal dos nossos exemplos; coragem para nos defendermos da indolência colectiva; coragem para vencermos e para fazermos triunfar esta Pátria de oito séculos; coragem para aspirar à perfeição!

OUTROS BRINDES

Não tendo o sr. dr. Júlio Danras podido comparecer ao banquete, por motivo de doença, é lida pelo sr. dr. António Baíão uma carta daquele ilustre escritor, em que se associa à homenagem e exalta o valor do homenageado, saudando-o também, pessoalmente, o sr. dr. António Baíão.

— O ilustre director do Colégio Vasco da Gama, rev. Padre Pinto de Abreu, saluda Fidelino de Figueiredo, como organizador das conferências do seu instituto e elogia a sua obra literária e pedagógica.

Oscar Ruas, tenente do Exército e juventude imponente, fala em nome do «Portugal», órgão do governo, defendendo a necessidade dum acto político extrapartidário, disciplinada e sã.

Afonso Gato, escritor e dramaturgo, fala como presidente da Comissão Executiva de homenagem a Filho de Almeida.

— O sr. dr. Fidelino de Figueiredo, diz, possue todas as qualidades de eleição para que os seus amigos e admiradores lhe prestem, no dia de hoje, uma expressiva homenagem. Como todas as individualidades marcantes na arte, na ciência e na literatura, conquistou quasi o direito de ser estimado e aplaudido, não só pela sua indomável força de trabalho e disciplina de espírito, mas, também, pelo que é lícito esperar ainda das suas faculdades de talento.

Num país onde é norma maldizer e caluniar quem tem garras, necessário se torna contrapor a essa onda de descrença, a força do antagonismo daqueles que, através de tudo, lutam, caminham e trabalham, confiados em que, se travesssem dias funestos e amargos, é preciso desbravar o caminho para as gerações que nos sucederem.

Por muito que em vida se faça aos homens de talento, de carácter e de energia, — aos artistas, em suma, — tudo isso é pouco em relação aos desgostos e amarguras da existência que eles sofrem, consagrando-se ao trabalho, ao estudo.

— O sr. Conselheiro Fernando de Sousa fala em nome da imprensa, por ser o mais velho dos jornalistas presentes, e para homenagear alguém que na imprensa ocupa um lugar de destaque.

*Embora a ação do homenageado na Imprensa, diz, tenha sido limitada às revistas científicas, todos os jornalistas se honram com a sua bela camaradagem.

— Só os homens de fé em Deus — afirma, numa bela evocação das tradições portuguesas — e de fé nos destinos da Pátria, como o dr. Fidelino de Figueiredo, poderão realizar a obra de ressurgimento nacional que é mister efectivar em Portugal. (*Muitas e calorosas palmas*).

— Não vim assistir a este banquete só por ser amigo

pessoal do dr. Fidelino de Figueiredo, diz agora o sr. Conselheiro D. Tomás de Vilhena, e a sua idade e a sua emoção infundem às suas nobres palavras um timbre dignamente respeitoso.

— Vim aqui — afirma — porque sou um homem de Ordem, e embora reformado das lutas políticas, sei estar sempre ao lado da Ordem.

A obra de todos os que, como Fidelino de Figueiredo, trabalham pelo levantamento da pátria portuguesa, tem o meu apoio incondicional.

— O sr. Furtado, comerciante, estando à mesa um dos filhos do homenageado e vendo entrar na sala a esposa do mesmo, acompanhada de outras senhoras de família, ergueu-lhes o um brinde, que foi vivamente secundado.

A MENSAGEM DOS FUNCIONARIOS DA BIBLIOTECA NACIONAL

Em seu nome pessoal e no dos funcionários da Biblioteca Nacional que se encontravam presentes, o sr. dr. Bettencourt Aranda leu uma mensagem em que protestam ao homenageado o seu maior apreço:

— A par do seu alto relevo como escritor, de brilhante talento, que seria futil engrandecer aqui, por ser já consagrado no país e no estrangeiro, é-nos muito grato consignar neste momento também os seus inconfundíveis predicados de organizador e de chefe, que tivemos ocasião de apreciar, — chefe privilegiado, que sabe inspirar aos seus subordinados, a par da mais respeitosa admiração, a mais sincera amizade, pela liberdade do seu primoroso trato.

— Já por duas vezes tivemos a honra de ter v. ex.º por director da Biblioteca Nacional e sempre foram tão notáveis e oportunas as suas medidas que estamos convictos de que muito tem a lucrar esse estabelecimento com a direcção de v. ex.º. O seu espírito, habituado aos métodos rigorosos da crítica histórica, a ponderação das realidades, sabe encarar as idéias e os factos com a máxima lucidez, e resolver, de

pronto e justamente todos os problemas, imprimindo assim ao seu mandado um cunho altamente prático, e de largo alcance; e foi sempre esta a feição da gerencia de v. ex.º na Biblioteca Nacional, não só na sua primeira direcção, como na actual, onde, em poucos dias, fez já sentir a sua notável actividade. Se v. ex.º não tivesse saído da Biblioteca Nacional, em 1910, estaria actualmente esta instituição dotada de uma organização modelar. O seu espírito de élite tinha traçado, em linhas sóbrias e claras, um amplio plano, perfeitamente moderno, que convertia todo o organismo bibliotecário num utilíssimo instrumento de cultura nacional.

FALA DO DR. FIDELINO DE FIGUEIREDO

Concluída a série de brindes, ergue-se para agradecer o dr. Fidelino de Figueiredo, que é acolhido por uma ruidosa salva de palmas.

As suas palavras são tocadas dumha emoção profunda. A princípio interiormente pessoais, de escusa, de negação do seu valor, são depois como autênticas marteladas de fô patriótico no aço limpido das nossas almas:

— Portugal tem de ressurgir — exclama! E' nosso dever fazê-lo ressurgir! A crise de indisciplina que o



O sr. Ministro da Instrução, dr. Alfredo de Magalhães, que presidiu ao banquete de homenagem
ao dr. Fidelino de Figueiredo.



ALGUNS ASSISTENTES AO ALMOÇO — Em cima: Dr. António Baião, Dr. Queiroz Veloso, Dr. Bettencourt Alvalde e o neto Jorginho (filho mais velho do homenageado). Em baixo: Carreia Marques, Conselheiro Fernando de Sousa e Dr. Ernesto Leite de Vasconcelos.

(*Croquis de Armando Boaventura*)

tem avassalado, é preciso, para isso, opôr a crise de disciplina! (Muitos e vibrantes apoiaços).

Abatemos as bandeiras de regimes, as bandeiras dos partidos, e, unidos e fortes, o ideal da Pátria a iluminar os nossos espíritos, fazemos a marcha, silenciosos, para o futuro, porque somos poucos ainda para a grande obra que de nos, portugueses, a Pátria espera!

E numa invocação da história pátria:

— A nossa História está cheia do pensamento de Deus. Foi Deus que guiou Portugal através dos oito séculos da sua história. Sem Deus, a marcha para o futuro é inviso e confuso caminhar. Sem Deus, o futuro não existe. Enchamo de Deus os nossos corações, e cheios de Deus façamos o ressurgimento de Portugal!

E concluindo:

— O exército pode dispor de mim, até à hora da minha morte, para a seu lado me bater pela Pátria. Viva Portugal!

(A Assembleia, de pé, viciou entusiasmaticamente Portugal e ovacionou o homenageado).

A Comissão Promotora da homenagem foi assim constituída:

Dr. António Baião, director da Torre do Tombo; Dr. Martinho Nobre de Melo, antigo ministro e leitor da Faculdade de Direito de Lisboa; Dr. Sousa Costa, secretário do Tribunal do Comércio e escritor; Dr. Luís Gonçalves da Silva Pinto Abreu, director do Colégio Vasco da Gama; Dr. Mário de Aguiar, antigo deputado e advogado; Ernesto d'Arango Freire d'Andrade, proprietário; Dr. Simões Baião, proprietário; Coronel Vilas, professor da Escola Colonial; D. Alberto Bramão, es-

critor; Dr. Manuel G. de Carvalho, tenente-coronel médico; Carreia Marques, jornalista de "A Voz"; Dr. José Guerreiro Murta, reitor do Liceu de Boaçaze; Tenente Mateus Moreno, director da "Alma Nova".

EXTRACTOS DE ALGUMAS CARTAS E TELEGRAMAS RECEBIDOS:

Do sr. conselheiro Júlio de Vilhena: — «Sinto que o meu estado de saúde não permita que eu me associe pessoalmente à homenagem de consideração que os seus amigos lhe prestam hoje. Não desejo, porém, que passe esta ocasião sem que eu lhe afirme, mais uma vez, a estima que lhe dedico e quanto o admiro pelas suas qualidades de trabalho, de inteligência e de amor ao nosso país.»

Do sr. Henrique Lopes de Mendonça: — ... «Congratulo-me pelas possibilidades que lhe dá o seu cargo para prestar aos estudos e à ciência portuguesa em geral os relevantes serviços que há direito a esperar das suas brilhantes faculdades.»

Do professor sr. dr. Manuel d'Oliveira Ramos, concordando com o sentimento que inspirou a homenagem ao dr. F. de F., cujos méritos reconhece desde que o teve por discípulo e a cujas faculdades de trabalho tributa a estima que lhe merece:

«Fago votos para que ele ponha estas faculdades ao serviço do seu país, fora de toda a preocupação política, condição que reputo indispensável para se fazer hoje obra eficaz.»

Do escritor António de Cetima: — «Saúdo em v. ex.º mais nobre e claro exemplo moderna mentalidade portuguesa.»

Do sr. dr. Ernesto Gonçalves: — «Saúdo o escritor ilustre e o corajoso combatente do Portugal Novo.»

ESTUDOS

■ NOTA FILOGÓGICA ■

Períodos da frase infantil

A linguagem organizada infantil — ou seja a frase, que é a verdadeira unidade psicológica e linguística —, não aparece a criança catastroficamente a produzi-la em todos os seus elementos, mas através de estadios, após largos múltiplos tentáculos para a evolução à expressão correcta e corrente.

Podem estabelecer-se nesta marcha ascendencial da glótica infantil três períodos característicos:

1) *Período da palavra-frase*: começa pelo décimo quinto mês e prolonga-se até ao vigésimo quarto, por vezes: a criança sai da fase de apropriação de imagens auditivas verbais e passa a fase activa de expressão: faz de dia para dia progressos consideráveis e com facilidade aprende a utilizar numerosas palavras, — quasi sempre substantivos — que inicialmente e por vezes reduzidos à silaba tónica constituem ou conglobam a frase total, chegando-lhe para exprimir uma acção que deseja realizar por si ou querer que outros executem em seu benefício: — *pô: eu quero ir à porta; sei: eu quero sopinha*.

2) *Período da frase: verbo-nominal*: começa pelo vigésimo quinto mês, ou mesmo mais cedo, e caracteriza-se pelo aparecimento do verbo — a princípio empregado no modo activo do imperativo — acompanhado normalmente do substantivo complemento directo, ou sujeito: *da fofa — da café; meni qué papí — o menino quer papinha*. O interesse infantil continua no entanto a exercer-se essencialmente sobre o nome, que domina por largo tempo, sendo considerável a sua preponderância sobre os outros vocabulários. Antes do trigésimo mês — e por vezes bastante antes — aparece o *eu*, e com este pronome o artigo. O aparecimento do pronome pessoal nesta altura não

significa que com ele coincide o nascimento do sentimento da própria individualidade: a criança tem há muito tal sentimento, não sabendo, porém, exprimilo adequadamente, porque reproduz a maneira pela qual os que a cercam se ocupam dela.

3) *Período das frases de incidentes circunstanciais*: começa depois dos dois anos e constitui a última fase de aquisição da linguagem organizada. A criança atinge um desenvolvimento lógico que lhe permite abranger a relação existente entre os vários elementos da frase: os laços intelectuais que a criança parece estabelecer mais cedo são os que a linguagem realiza por meio das proposições *de* e *para* — as proposições do interesse: *é do menino, é para o menino*. Pela altura dos três anos surge o *com*, o pronome, relativo — *que*, as conjunções que exprimem circunstância de fim, causa, tempo — *para que, porque, quando*.

E entre os dois e os três anos que o interesse glótico atinge na criança o ponto culminante — mantendo-se depois disso ainda por muito tempo uma paixão central. E durante este último período de evolução da linguagem organizada que a criança concentra quasi unicamente os seus esforços na aquisição do processo articulatório. A palavra torna-se para ela um facto tão interessante como era antes o objecto. A criança pregunta o nome de tudo o que a cerca e que vai apontando a dedo — e armazena os vocábulos designativos, fazendo ensaios de pronúncia, momentaneamente quando está sozinha e satisfeita com tais vocábulos, como se eles tudo explicassem, pois só ulteriormente lhe chegará a ansia intelectual de penetrar os porquês misteriosos das coisas.

JOÃO DA SILVA CORREIA



No próximo n.º: «A PSICOLOGIA VISTA ATRAVÉS DA FILOLOGIA»
:::::::::: Pelo Dr. Rodrigo de Sá Nogueira :::::::

C
R
Ó
N
I
C
AM
O
D
A
S

Adivinha-se o verde, o nosso ardente verde meridional, em que as cidades buscam a Paisagem—os campos, a serra, o mar.

Eu, que amo as grandes cidades cosmopolitas, trago em mim a nostalgia da Paisagem.

A Paisagem é a sinfonia admirável para os meus olhos e para a minha alma, que me traz presa do seu encanto.

Eu adoro a Paisagem esplendida de luz e calor, quando o sol cai em jorros d'ouro sobre as couzas, numa carícia de fogo estonteante, tudo se ilumina, tudo vive. Quando os flores e os frutos policromados são um mostruário de ourivesaria: as papoila, os cravos, as romãs entrebertas, são rubis: os goivos, as violetas, as glicínias, ametistas; os lírios, as açucenas, as rosas desmaiadas, são opalas, e cachos de opatas os cachos de uvas brancas. E ha outro, muito ouro, ouro vivo e fulgente—os girassóes e os limões, os crisântemos e as laranjas.

Amo também as amplas praias loiras com um mar que parece um esmalte azul, onde a brisa é iodada, e a vida corre indolente e satisfeita.

Mesmo na serra, que é um mar de montanhas, sente-se agir sobre nós um sortilégio de encanto. A Paisagem é outra. Os sobreiros desnudados das suas vestes de cortiça, que mãos profanas lhes arrancaram, mostram impetuosoamente os troncos vermelhos. Olhos—os com piedade. São colossos vencidos, erzendo ao céu os braços ensanguentados e afilados.

E amo a Arte, a Arte verdadeira, bela, imortal—o resplendor magnífico da vida. Ela faz-nos entender a beleza íntima das couzas. E o sol: sem ela entreveríamos uma verdade indecisa.

A Arte, a Paisagem—e a sinceridade emotiva do Amor—é a divina trindade que nos torna belo, quase suportável, a tormenta da vida?

Dági-
na
Femi-
nina

por
Ma-
dame
X...

Se em plena primavera a moda nos não deu nova linha nas «toilettes», não tem, no entanto, deixado de nos dar variantes que muito favorecem a linha esguia.

As saias continuam com rodas, embora disfarçada em pregas, muchos, folhos, etc. A saia plissada continua a ter para nós o mesmo encanto de sempre.

As «chemisettes» estão também muito na moda, para praia, sport e passeios. Nada de mais fresco e encantador, para praia ou campo do que as «chemisettes» claras, sobre uma saia plissada, e chapéu de palha grande enfeitado de fitas de veludo e flores.

Os vestidos usam-se todos fechados no pescoco, com pequenas golas, tiras de crepe ou passadeira, dando um nó ou laço ao lado. Já não há decotes!

Mas como o tempo quente se aproxima, os infatigáveis costureiros de Paris, arranjaram solução bem agradável. Podem decotar-se os vestidos, mas tapar-se o pescoco, quando não haja calor a ponto de o impedir.

Apresento uma artística maneira de seguir a moda, tapando o pescoco e decotando o vestido.

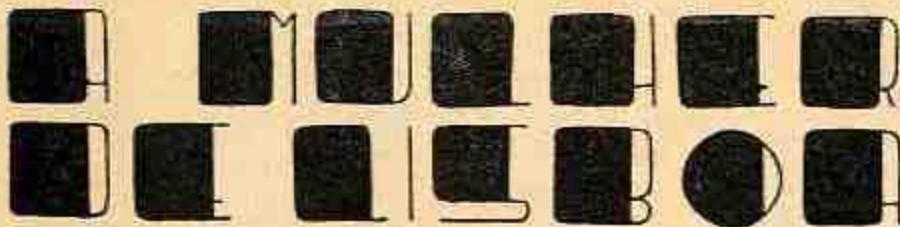
Nos chapéus, as copas exageradamente altas, como este inverno se viam, passaram; embora altos, os chapéus deste verão são mais elegantes.

As fazendas e sedas estampadas, crepe de china «voiles» de lã e «mousseline» de lã, devem este verão fazer elegantes «toilettes».

O linon, o organdi, o tule e as imitações de renda antiga são também dum lindo efeito.

Damos hoje um elegante modelo em crepe da china e rendas. A parte da saia que liga à renda é toda plissada, bem como a parte de baixo das mangas, e o corpo em pequenas pregas formando quadrados. Sem decote, um artístico laço ao lado esquerdo completa a linha interessante e bela do elegante modelo Amy Linker Ballard e Cia.

As cores mais em moda são o preto e branco, o vermelho e o azul vivo. Para o «tout aller» o «gris» é a cor preferida.



CRONICA DE BOM! HUMOR A MEIA DOSE

Por ADOLFO FARIA DE CASTRO

Com ilustrações de Alberto Nobre

DA mulher de Lisboa muito há dizer. Dá assunto para um tratado. Os seus vários tipos são dignos de serem postos em crónica e aguardam ansiosamente o dia em que justiça lhes seja feita, recebendo a mercê altíssima duma pena que lhes perpetue o que de pitoresco e de pesonalizador elas encerram.

Entretanto, contentemo-nos todos com estas linhas prelúdicas.

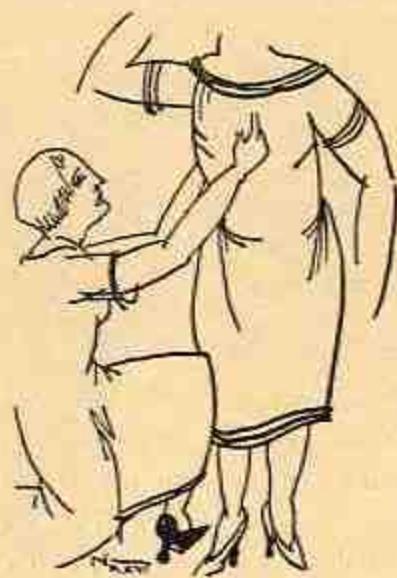
Há quem divida á mulher, como qualquer peixe das placidas águas do Tejo, em cabeça, rabo e posta. De cabeça não rezam as crónicas que certas mulheres a tenham, apenas servindo para levar o chapéu que a moda do dia manda usar; quanto ao resto... à hora elegante das cinco vê-se passar no Chiado cada posta, que nos obriga a chamá-lhe «uma posta de alto lá com o charuto...». E é, afinal, um charuto que arde... queimando o sexo forte.

Mas esta divisão pecha pela sua reduzida generalidade, porque só se aplica às mulheres-peixes, isto é, às mulheres que nadam, ou que preferem o «sport» náutico ao serviço doméstico. Além dessas há as

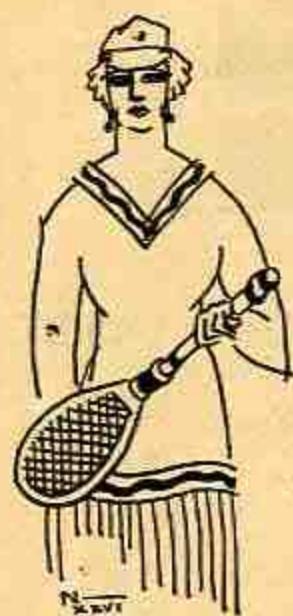
mulheres-mamíferos, as mulheres-aves, as mulheres-reptis, e, enfim, mulheres de todos os géneros e espécies...

E' outra, porém, a melhor classificação da fauna feminina lisboeta. Devem ser considerados três tipos-base da mulher alfacinha, a saber: 1º, a mulher da rua; 2º, a mulher de casa, 3º, a mulher de sala. Considerar-se-hão, além destes, alguns tipos mixtos, como sejam a mulher de casa e rua, isto é, a mulher de meia porta; e a mulher de casa e sala, ou seja, a mulher *en pantoufles*.

Vejamos cada um destes tipos de per si.



A mulher da rua só fala em «mil reis», «escudos», «contos», enfim — contos largos — em operações de baixo câmbio. São as mulheres dos pregões, as mulheres que vendem por preços relativamente baixos na Baixa e exageradamente altos na parte alta da cidade, porque — explicam elas — também tem uma tarifa como os «axis», a qual, se não é 1, anda à roda dos 100. Assim, se um género alimentício *A* custa 7 unidades-massa na rua mais próxima da Ribeira



Nova, custará 7.100 unidades-massa em Xabregas ou no Lumiar, — sem alumiar nada, porque os olhos ficam cegos de ver tanto pedir... .

Lisboa tem os seus pregões característicos cantados por essas mulheres em melodias musicais, que muitos compositores

e alguns valentes tocadores de viola tem aproveitado para os seus cancioneiros nos intervalos das canseiras quotidianas.

É ouvi-las:

— «A vinte mil reis o salamico, o quere azeitona no...va....a...»

— «Ó figuinho de capa rota, quem quere figos quem quere almoça...a...a...»

— «Ó, uvinhas! quem quer uvas, a dez mil reis o qui...i...lit...»

E assim por diante, as pobres mulheres, ostentando ricos cordões e as pesadas arrecadas, vão, pés descalços e a cantar, apregoando azeitonas ou figos, uvas ou tomates, cebolas, etceteras...

A mulher que apregoa tem como irmã de leite a regateira da Praça — S. Bento ou Figueira —, uns diabos de mulheres que não sabem fazer outra coisa que não seja descompôr e vomitar esses palavrões, que um decreto fez recolher em parte ao silêncio, com a multa célebre dos novecentos e noventa e nove escudos, mas que só a escola será capaz de abolir por completo.

E são os mafarricos, as desavergonhadas das

regateiras candidatas a Rainhas dos Mercados!...

Vamos agora à mulher de casa. Lá está ela a tratar do jantar, a concertar as meias do homem e a lavar as fraldas do menino.

É a verdadeira mulher do «home». Só tem um «home», um lar, um «foyer», despreza as visitas a casa de fulana ou sicrana, não perde tempo com elas e recepções, faz todo o serviço caseiro, e criada só a usa quando o trabalho é muito ou a doença a invalida. Só tem um «home», um afecto, um amor; não é como as outras, as levianas, as frivolas, as que andam de mão em mão, como objecto de divertimento ou bilhete de lotaria...

A mulher de casa é a mulher do trabalho, a mulher incomprendida, a mulher do arranjo do lar, flor rara no lamaçal da vida das grandes cidades, a única que verdadeiramente trabalha para o ressurgimento da gente.

Foquemos agora a mulher de sala.

Oh! que roda-viva! Bailes para aqui, amigas para acolá, chás de caridade, verbenas, o arco-dá-véria! Uma dubadoira sem fim!

E a bicha á porta do cabeleireiro, à espera da vez do tonsuramento das cabecinhas ócas de vento. E a «maquillage» que lhes transforma as faces em portas de drogaria. Depois as sobrancelhas feitas em arcos... do cego que lhes cai na mão. E a «manicures»; é a «tailleuse»; é o «five-



o'clock-tea»; é «toutes choses que nous savons»....

A mulher de sala, é a mulher que se moderniza, que absorve todo o veneno dos figurinos de lá de fora. É a mulher da intriga, a mulher da vaidade, a mulher da soberba, a mulher da preguiça, a mulher dos sete pecados, é a mulher de todos os pecados mortais. Estiola-se na cega-rega dos «dancings» e dos «rendez-vous». Excita-se na lubricidade dos «fox-trots», dos «ones-steps», dos «tangos», dos «black-bottoms», dos «charletons», e até se esquece dos seus deveres de mulher.

Sem a verdadeira noção desses deveres sociais, abre os braços aos estupefacientes, tomando morfina e injectando em si mesma «pontapon»... para sonhar... para viver, para sentir melhor a ilusão traíçoeira da felicidade que muitas aspiram.

E esta vida da cidade prolonga-se, na época própria, nas praias e nas termas. O esgotante rodopio dos bailes exerce-se tanto lá como cá. São as ceias á americana, são as danças á americana, é o amor á americana; são as mulheres á americana, com saias curtas... de vista, vestidos decotados e cotados... muito baixo, bonecas sem cabelo, sem pudor e sem ter onde cair mortas... de tanto trabalhinho. Eu chego a ter pena delas! Não sabem o que é o lar, não co-

nhecem a alegria da família reunida junto à lareira numna noite áspera de inverno; só sabem que são mulheres modernas. Ser mulher moderna, eis o seu modo de vida. Leem os romancistas franceses e frequentam «premières» de revistas, que não lhes fazem sombra, é bom di-

zer, em matéria de decotes e «mártico».

* * *

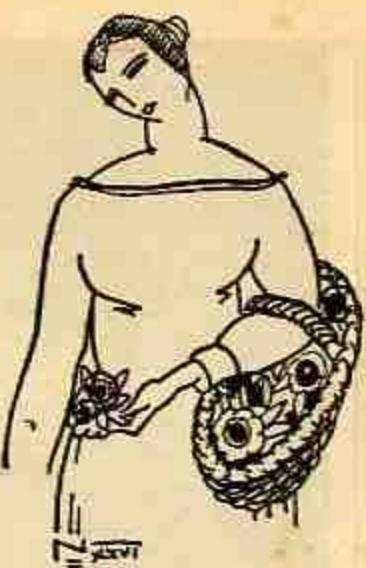
Passemos agora aos meios termos. Estes dão a menina do telefone, que nunca nos «liga» nenhuma, e a gentil costureirinha, que, qual saltitante andorinha de amor, põe água na boca dos transeuntes, que, ao vê-las passar no Chiado sentem ganas de lhes cantar aquelas coplas do «Cabaz de Morangos»:

«Maria, são teus olhos azeitonas!
Cachopu, são teus labos qual cereja!»

Os meios termos são ainda a galante dactilografa, obreira do Estado, abelha que transforma muitas repartições em verdadeiros favos de mel. E o funcionário que chega a enjalar a mulher que se levantou, estreminhada, para lhe arranjar o almôço para o meio dia, vai encontrar no seu gabinete a frescalliona duma dactilografa que sabe juntar, com rapidez e descrição, as letras da palavra «amor» nas teclas duma Remington ou duma qualquer outra maquina, se tal for preciso...

Muitas são as forças do ex-sexo fragil. Pergunte-se a quem quizer a quanto montam já as forças duma mulher de «sport». E a mulher automobilista? E a mulher «papillon»? E a mulher que se bachareliza? E a mulher que escreve versos? E a mulher que quer derrotar o homem em toda a linha, fazendo-lhe perder até a linha, ao ouvir-lhe exigir tanta igualdade de direitos?... Mas os deveres: Onde deixa ela os deveres? A mulher tem mais deveres a cumprir, que direitos a exercer. Um único direito Adão no Paraíso lhe concedeu: é o de ser mulher — o que já não é pouco...

ADOLFO FARIA DE CASTRO





AS NOSSAS ESTRELAS DO TEATRO

Manuela Pinto Bastos, figura primacial da arte lírica portuguesa, cujo retrato ilustra esta página, é uma das mais brilhantes estrelas da nossa constelação de artistas do teatro. A presente gravura representa a gloriosa cantora com a sua simpática Zazá, que brevemente seguirão em *tournée* para a América do Norte.

ALMA-NOVA

V SÉRIE — JUNHO DE 1927 — N.º 1

■ PREÇO 2 ESCUDOS ■